



OFICINA
CAMINHANDO COM ESTUDANTES EM
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: A CRIAÇÃO
DE UM JORNAL

Isabella Coelho Figueiredo
Claudia Cristina dos Santos Andrade

OFICINA

**CAMINHANDO COM ESTUDANTES EM
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: A CRIAÇÃO
DE UM JORNAL**

UERJ-UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

**CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES (CEH) INSTITUTO DE APLICAÇÃO
FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA (CAp-UERJ) PROGRAMA DE PÓS-
GRADUAÇÃO DE ENSINO EM EDUCAÇÃO BÁSICA (PPGEB)**

Reitora: Gulnar Azevedo e Silva

Vice-reitor: Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues

Diretora do CAp-UERJ: Mônica Andréa Oliveira Almeida

Vice-Diretora: Deborah da Costa Fontenelle

Coordenadora do PPGEB: Maria Cristina Ferreira dos Santos

Vice-coordenador do PPGEB: Leonardo Freire Marino

Coordenador de Editoração (NEPE)

Alexandre Xavier Lima

Conselho editorial

Prof. Alexandre Xavier Lima

Prof^ª. Deborah da Costa Fontenelle

Prof^ª. Elizandra Martins Silva

Prof^ª. Juliana de Moraes Prata

Comissão Científica

Angélica Maria Reis Monteiro (U. PORTO)

Daniel Suárez (UBA)

Edmea Santos (UFRRJ)

Jorge Luiz Marques de Moraes (CPII)

José Humberto Silva (UNEB)

Marcus Vinicius de Azevedo Basso (UFRGS)

Rogério Mendes de Lima (CPII)

Waldmir Araujo Neto (UFRJ)

Banca Examinadora

Claudia Cristina dos Santos Andrade (Orientadora) - UERJ

Jonê Carla Baião (Examinadora Interna) - UERJ

Maria Aparecida Lapa de Aguiar (Examinadora Externa) - UFSC

OFICINA

**CAMINHANDO COM ESTUDANTES EM
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: A CRIAÇÃO
DE UM JORNAL**

**Isabella Coelho Figueiredo
Claudia Cristina dos Santos Andrade**

NÚCLEO DE EXTENSÃO, PESQUISA E EDITORAÇÃO - NEPE

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

INSTITUIÇÃO DE APLICAÇÃO FERNANDO RODRIGUES DA SILVEIRA-CAP-UERJ

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE ENSINO EM EDUCAÇÃO BÁSICA - PPGEB



NEPE
Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração
Instituto de Aplicação Fernando Rodrigues da Silveira



OFICINA

**CAMINHANDO COM ESTUDANTES EM
PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: A CRIAÇÃO
DE UM JORNAL**

ÁREA: EDUCAÇÃO E ENSINO
PÚBLICO-ALVO: PROFESSORES DA EDUCAÇÃO BÁSICA
AUTORAS: ISABELLA COELHO FIGUEIREDO
CLAUDIA CRISTINA DOS SANTOS ANDRADE
IMAGENS: DOMÍNIO PÚBLICO (CANVA) E ACERVO DAS AUTORAS

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CAP/A

F475 Figueiredo, Isabella Coelho

Caminhando com estudantes em processo de alfabetização: a criação de um jornal. / Isabella Coelho Figueiredo, Claudia Cristina dos Santos Andrade. – Rio de Janeiro: CAP-UERJ, 2025.

36 p. : il.

Produto educacional elaborado no Mestrado Profissional do PPGEB/CAP/UERJ.

ISBN: 978-65-81735-93-7 (e-book)

1. Alfabetização em perspectiva discursiva. 2. Jornal escolar. 3. Escrita-evento. I. Andrade, Claudia Cristina dos Santos. II. Título.

CDU 373:8

Emily Dantas CRB-7 / 7149 - Bibliotecário responsável pela elaboração da ficha catalográfica.

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese/dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

2025
1ª EDIÇÃO
EDITORA CAP-UERJ
RUA BARÃO DE ITAPAGIPE, 96
RIO COMPRIDO – RJ CEP 20.261-005
[HTTP://WWW.CAP.UERJ.BR/SITE](http://www.cap.uerj.br/site)

SUMÁRIO

1.Apresentação.....	6
2.Por que uma Oficina?: princípios e fundamentos.....	8
3.A Oficina: quando, onde e como?.....	10
4.Metodologia Narrativa: reflexões e práticas para a alfabetização em perspectiva discursiva.....	11
5.Alfabetização em Perspectiva Discursiva: implicações teórico-práticas.....	15
6.Jornal escolar no contexto da E. M. João Brazil: possíveis guias para o trabalho e organização da rotina.....	17
7.A História nos deixa pistas: a comunicação no Brasil.....	21
8.O Jornal na Era Digital.....	22
9.O Jornal na Era Digital – Sugestão de atividade: “Histórias verdadeiras e inventadas”.....	23
10.A esfera jornalística e os gêneros do discurso.....	25
11.Crie o seu jornal escolar – <i>Template</i>: mais do que reproduzir, ressignificar.....	27
12.Agradecimentos e considerações finais.....	32
13.Referências bibliográficas.....	33
14.Biografia das autoras.....	34

APRESENTAÇÃO

Como o uso do jornal escolar pode transformar o processo de alfabetização em uma prática crítica e significativa, conectada às realidades sociais e culturais dos estudantes? De que maneira as oficinas pedagógicas podem promover a troca de experiências e a construção coletiva de práticas pedagógicas que valorizam a escuta e as narrativas dos sujeitos envolvidos no processo educativo?

Essas são as questões norteadoras para a construção deste *Ebook*, que se constitui como um dos artefatos do Produto Educacional “*Caminhando com estudantes em processo de alfabetização: a criação de um jornal*”, que também inclui uma Oficina Pedagógica e um *Template* de jornal escolar.



A Oficina, construída de maneira dialógica com os professores participantes, foi alicerçada no potencial do jornal escolar - Jornal JB - como ferramenta pedagógica para a alfabetização, considerando os contextos linguísticos e sociais dos estudantes da Escola Municipal João Brazil, estabelecida no município de Niterói-RJ.

Com o material que você tem em mãos, buscamos tornar o conteúdo da Oficina acessível a um público maior de professores, o que pode, de certa maneira, ultrapassar as barreiras geográficas e de tempo, além de funcionar como um instrumento de reflexão e organização de práticas, conceitos e narrativas apresentados.

APRESENTAÇÃO

Este Ebook se configura como um convite ao diálogo entre teoria e prática, no qual são articuladas as bases da alfabetização na perspectiva discursiva, fundamentadas na Teoria da Enunciação de Bakhtin (2011) e o seu Círculo e nos estudos de Vigotsky (1987) e discutidas no Brasil por autores como: Smolka (2012), Geraldi (1991) e Goulart, Garcia e Corais (2019).

Por meio deste diálogo, é possível compreender como o jornal escolar e os gêneros discursivos que emergem da esfera jornalística podem ser integrados ao currículo, promovendo não apenas o aprendizado técnico, mas também o desenvolvimento crítico e reflexivo dos estudantes no contexto de trabalho com as linguagens oral e escrita (FREIRE, 2019).

O material, nesse caminho, é voltado para você, educador(a), interessado(a) em utilizar um recurso didático que dialogue com a realidade social e de aprendizagem dos seus estudantes. Te convidamos para ressignificar e produzir sentidos a partir das discussões sobre o jornal escolar e a alfabetização em perspectiva discursiva.



**Então,
você vem com a
gente?**

*Isabella Coelho Figueiredo
Claudia Cristina dos Santos Andrade*

POR QUE UMA OFICINA?

Princípios e fundamentos

A realização da Oficina nasceu da necessidade de compartilhar e validar as práticas pedagógicas construídas no contexto escolar. Conforme Freinet (1974), compreendemos que "a experiência, o conhecimento e a cultura vêm de baixo, da vida das crianças do povo". Com base nesse princípio, a Oficina foi estruturada para fomentar trocas de saberes e a reflexão sobre o jornal escolar como meio de engajamento crítico dos estudantes.

Os sentidos que a palavra oficina pode apresentar estão atrelados à conjuntura. Do ponto de vista histórico, na Idade Média as oficinas eram compreendidas como um local de trabalho e também de ensino-aprendizagem, em que sujeitos "menos experientes ou inexperientes", chamados "aprendizes", aprendiam um ofício por meio da observação de um mestre artesão e reprodução das ações observadas, até que pudessem conquistar autonomia. O produto que emergia das oficinas era resultado do trabalho coletivo. E, ao passo que os aprendizes iam se tornando mestres, os seus antigos mestres passavam também a observá-los, visando avaliar e manter a qualidade do próprio ofício. Enquanto fazem, aprendiz e mestre artesão vão teorizando sobre o trabalho, demonstrando a relação complementar entre a teoria e prática. Apresentam-se, portanto, dois aspectos imprescindíveis às oficinas: "1) trabalho coletivo e 2) processo de ensino-aprendizagem que integra teoria e prática (CANDAU et al., 2014, p. 138-139).



Trabalho coletivo;
Ensino-aprendizagem que
integra teoria e prática.

POR QUE UMA OFICINA?

Princípios e fundamentos

Candau e Sacavino (2013), no contexto de estudos acerca do tema educação em direitos humanos e formação de professores, irão contemplar as oficinas enquanto uma **estratégia metodológica**.

As chamadas oficinas pedagógicas, concebidas como **espaços de intercâmbio e construção coletiva de saberes, de análise da realidade, de confrontação de experiências, de criação de vínculos socioafetivos e de exercício concreto** (...). A atividade, participação, socialização da palavra, vivência de situações concretas através de sociodramas, análise de acontecimentos, leitura e discussão de textos, realização de vídeo-debates, trabalho com diferentes expressões da cultura popular, etc. são elementos presentes na dinâmica das oficinas. Trata-se, portanto, de transformar mentalidades, atitudes, comportamentos, dinâmicas organizacionais e práticas cotidianas dos diferentes atores, individuais e coletivos, e das organizações sociais e educativas. (CANDAU; SACAIVINO, 2013, p. 64, grifo nosso)



Por fim, a criação de redes de colaboração entre os professores é apontada como uma estratégia essencial para a implementação de projetos semelhantes. A troca de experiências e ideias contribui para a construção coletiva de conhecimentos, promovendo uma educação mais democrática e transformadora. Pela Oficina objetivamos proporcionar um espaço de formação continuada, no qual teoria e prática se entrelaçam.

A OFICINA

Quando, onde e como?

A Oficina recebeu o nome “Caminhando com estudantes em processo de alfabetização: a criação de um jornal” e tanto o convite quanto os slides foram construídos no site *Canva*. A Oficina aconteceu no dia 10 de dezembro de 2024, às 18h30, em formato remoto pela plataforma *Google Meet*, e pode ser acessada aqui.



CONVIDAMOS PROFESSORES DO ENSINO FUNDAMENTAL

OFICINA

CAMINHANDO COM ESTUDANTES EM PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO: A CRIAÇÃO DE UM JORNAL



ISABELLA COELHO FIGUEIREDO
Ministrante e mestranda (PPGEB CAp/UERJ)

CLAUDIA CRISTINA DOS SANTOS ANDRADE
Orientadora e professora responsável (PPGEB CAp/UERJ)

A OFICINA IRÁ ABORDAR:

- Discussão teórico/prática sobre o uso do jornal em sala de aula em perspectiva discursiva;
- Compartilhamento de uma prática relacionada, *template* de jornal editável e *e-book* com o conteúdo apresentado.

INFORMAÇÕES PERTINENTES:

- Público-alvo: professores do Ensino Fundamental;
- Inscrição realizada com resposta à formulário *on-line*.

DATA: 10/12/2024
(TERÇA-FEIRA)
HORÁRIO: ÀS 18h30
A oficina terá a carga horária de 2h30, será realizada na modalidade on-line e haverá emissão de certificado.

Inscrições até 08/12/2024.
LINK DISPONÍVEL AQUI!





METODOLOGIA NARRATIVA

Reflexões e práticas para a alfabetização em perspectiva discursiva

A metodologia narrativa foi o alicerce da pesquisa, entendida como forma e conteúdo para a construção do conhecimento. As narrativas da docente, dos estudantes e dos professores participantes da Oficina não se consolidaram somente como dados da pesquisa, mas como uma forma de compreender os fenômenos sociais por meio das vozes dos sujeitos implicados no processo educativo.

No contexto da alfabetização, as narrativas revelaram práticas pedagógicas, os desafios e potencialidades do processo de ensinar e aprender. A metodologia também permitiu o resgate de memórias, evidenciando que a escrita não é apenas técnica, mas um ato de enunciação e criação de sentido.

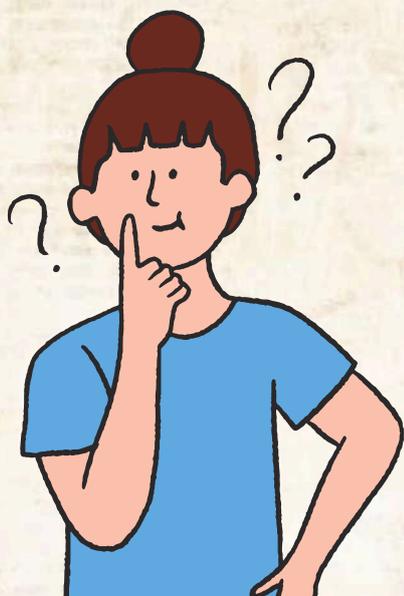
Outro aspecto relevante foi o uso da narrativa como ferramenta de reflexão docente, pois, no percurso da oficina, que se fez dialogicamente, já que de outra maneira não poderíamos fazê-la, apresentamos algumas provocações:

De que forma a rotina é organizada com seus estudantes?

Como foi o seu processo de alfabetização? O que você entende por alfabetização?

Com que frequência você lê para os seus estudantes? Com que frequência você lê?

Defina a alfabetização em uma palavra.



METODOLOGIA NARRATIVA

Reflexões e práticas para a alfabetização em perspectiva discursiva

As narrativas também revelaram a importância do contexto escolar como espaço de produção cultural. Partindo da premissa de que o sujeito se constitui na relação com o outro, conforme Bakhtin (2011), guiamos a análise das histórias compartilhadas, evidenciando que o jornal escolar é mais do que um produto final; é um processo de construção coletiva de saberes, algo que reverberou na fala do **Professor 7**.

Professor 7: *Eu ouvi uma professora, Adriana Salomão, na faculdade, que ela fala muito desse processo discursivo da leitura. Eu acho que nós, enquanto professores, a gente se preocupa muito com o processo da leitura e a gente pode trabalhar de uma forma muito plural. E esquece de antes de fazer esse processo da leitura, a gente tem que considerar muito esse lado discursivo. O lado do pertencimento do aluno, que é muito mais prazeroso e compreensível quando a gente consegue enxergar dessa forma que é o momento de um ato muito singular é muito individual a sensação que eu tenho é que às vezes a gente quer trabalhar como um todo como algo muito maçante a leitura, só por ser leitura, esquece muito desse lado discursivo do lado singular, do lado do pertencimento que vai muito do aluno, que vem muito do aluno. Um grande exemplo, que foi o jornal, eu tenho certeza que eles sentiram prazer em participar desse processo de alfabetização. Porque houve pertencimento, existiu um pertencimento, uma participação, uma colaboração. Não foi você somente que criou toda essa ideia. Teve a mão deles, eles participaram. Então eu acho que é um processo da vida, tudo que há pertencimento, há libertação, há identificação. Você se encontra, você se reconhece.*

A metodologia narrativa foi fundamental para documentar as práticas pedagógicas. Os relatos das professoras se tornaram fontes valiosas de dados, permitindo uma análise qualitativa, que valoriza a subjetividade, a não neutralidade e o rigor da verossimilhança na pesquisa (PREZOTTO; CHAUTZ; SERODIO, 2015, p. 15).

METODOLOGIA NARRATIVA

Reflexões e práticas para a alfabetização em perspectiva discursiva

O Ebook reflete o compromisso com uma educação que valoriza a subjetividade e a singularidade de cada sujeito, reafirmando o papel da narrativa como um recurso potente na formação docente. Ao contar e ouvir histórias, os professores puderam se conectar com suas próprias trajetórias e com as dos estudantes, construindo percepções mais humanas e significativas sobre o trabalho pedagógico com as linguagens oral e escrita. Tal reflexão é observada na fala da **Professora 1**.

Professora 1: *É, como foi o meu processo de alfabetização? Foi horroroso! Foi horroroso! Eu estudava, eu sempre aprendia uma parte, num lugar onde, assim, nos fundos, uma professora abriu uma mesinha lá e ensinou algumas crianças. Eu estou falando, gente, de década de 70, né? Eu fui alfabetizada na década de 70. E eu precisava aprender alfabeto e tudo isso para entrar na escola. E quando eu entrei na escola, eu não me sentia contemplada naquilo ali. As coisas não faziam muito sentido para mim. A minha casa era uma casa que não tinha a prática da escrita. Não tinha uma cultura escrita na minha casa. E foi muito difícil me alfabetizar. Eu tenho lembranças horrorosas do meu processo de alfabetização. Ainda bem, aí tem a segunda pergunta. Você já emendou duas, né, Isa? A segunda é, como professora o que você entende por alfabetização? E ainda bem que isso tudo se transformou num contrário, né? Eu entendo que a alfabetização é o contrário do que eu vivi. A alfabetização, eu entendo como um processo no qual a criança participa, no qual a cultura escrita é trazida para ela de uma forma que faça sentido, entendo como um processo de construção que faz sentido dentro de uma cultura escrita, totalmente diferente do que aconteceu comigo.*

Na década de 1970, a educação brasileira era marcada por um modelo tecnicista que relegava ao professor um papel meramente operacional, reduzindo sua função à aplicação de cartilhas e manuais padronizados. A fusão de métodos sintéticos e analíticos, amplamente utilizada na alfabetização, refletia a crença de que o ensino poderia ser mecanizado, minimizando a necessidade de formação continuada e desvalorizando a autonomia docente. Esse modelo reforçava a ideia de que o professor não precisava de um aprofundamento teórico, apenas de instruções prontas a serem seguidas. No entanto, a Professora 1 rompe com essa lógica mecanicista que forjou sua formação na infância, buscando em sua prática uma abordagem mais crítica e significativa para a alfabetização.

METODOLOGIA NARRATIVA

Reflexões e práticas para a alfabetização em perspectiva discursiva

A Oficina foi orientada para os outros – professores do Ensino Fundamental –, que responderam aos questionamentos de diferentes maneiras e construíram conhecimentos sobre estratégias metodológicas para o trabalho com a leitura e a escrita a partir da perspectiva discursiva. Suas percepções passaram a compor nosso **repertório coletivo sobre a alfabetização**, materializado em uma nuvem de palavras.



Enquanto conhecimento que se construiu coletivamente, as palavras sugerem que chegamos a uma percepção humanizadora da alfabetização, que vai de encontro à perspectiva utilitarista e tecnicista que marcou as histórias de alfabetização de algumas das professoras e ao encontro da maneira como elas concebem a alfabetização no exercício da profissão e da perspectiva discursiva de alfabetização – o pilar sobre o qual construí a oficina e a prática pedagógica da qual ela foi originada. Além disso, nos mobilizamos a pensar **a alfabetização como um processo contínuo de descobertas, como um ato singular, uma ferramenta de construção de identidade, autoria e pertencimento, além de um caminho para a transformação e a esperança**, em que a vida e o dizer sobre si habitam o espaço escolar e os processos de aprender.

ALFABETIZAÇÃO EM PERSPECTIVA DISCURSIVA

Implicações teórico-práticas

A **alfabetização em perspectiva discursiva** aponta o processo de ensinar e aprender a ler e escrever como uma prática que ultrapassa a decodificação de palavras, concentrando-se na produção de sentidos e na interação social mediada pela linguagem. De acordo com **Smolka (2012)**, precursora nos estudos sobre o tema no Brasil, essa abordagem considera os sujeitos como produtores de significados, firmados em contextos históricos, sociais e culturais. Para a autora:

A alfabetização implica, desde a sua gênese a constituição de sentido. Desse modo, implica, mais profundamente, uma forma de interação com o outro pelo trabalho de escritura – **para quem eu escrevo, o que escrevo e por quê?** A criança pode escrever para si mesma, palavras soltas, tipo lista, para não esquecer; tipo repertório, para organizar o que já sabe. Pode escrever, ou tentar escrever um texto, mesmo fragmentado, para registrar, narrar, dizer... Mas essa escrita precisa ser sempre permeada por um sentido, por um desejo, e implica ou pressupõe, sempre, um interlocutor. (SMOLKA, 2012, p. 95)



Existe, portanto, uma dimensão afetiva na perspectiva analisada, que também segundo Smolka (2012), está alicerçada na ideia de que o processo de aprender é profundamente enraizado na relação com o outro.

Para Bakhtin (2011), **a linguagem é essencialmente dialógica. Ela emerge e se transforma no encontro entre diferentes vozes e pontos de vista, constituindo o sujeito como parte de um todo social.** No contexto da alfabetização, isso significa que o aprendizado ocorre por meio da interação entre os alunos, os professores e os textos que leem e produzem juntos.

ALFABETIZAÇÃO EM PERSPECTIVA DISCURSIVA

Implicações teórico-práticas

Goulart, Garcia e Corais (2019) reforçam que a **alfabetização discursiva promove a construção de conhecimentos a partir das experiências dos próprios estudantes**. Nesse sentido, o professor atua como mediador, valorizando as histórias, os conhecimentos prévios e as perspectivas únicas de cada estudante, que na relação com os outros e com o mundo aprendem sobre si.

PARA REFLETIR...

Quais desafios específicos você enfrenta ao trabalhar com a alfabetização em sua(s) turma(s), considerando o contexto sociocultural dos estudantes?

Como você promove a relação entre as experiências de vida dos estudantes e o processo de aprendizagem da leitura e da escrita em sala de aula?



Um aspecto central da alfabetização em perspectiva discursiva é a compreensão dos gêneros discursivos como ferramentas de ensino. Bakhtin (2011) define os gêneros discursivos como tipos relativamente estáveis de enunciados que circulam em diferentes esferas da vida social. **No ambiente escolar, trabalhar com gêneros como notícias, artigos de opinião e entrevistas colabora com a compreensão do(as) estudantes sobre a função social da escrita e sua relação com o cotidiano.**

JORNAL ESCOLAR NO CONTEXTO DA E. M. JOÃO BRAZIL

Possíveis guias para o trabalho e organização da Rotina

O jornal escolar pode representar uma ferramenta poderosa de integração entre os estudantes e a comunidade escolar, estimulando habilidades como leitura, escrita e pensamento crítico. Na E. M. João Brazil, a organização e execução desse material seguiram os seguintes passos:

Definição de temáticas relevantes

Planejamento coletivo

Divisão de tarefas

Integração com outras disciplinas

Periodicidade e consistência



JORNAL ESCOLAR NO CONTEXTO DA E. M. JOÃO BRAZIL

Possíveis guias para o trabalho e organização da Rotina

Definição de temáticas relevantes: Identificar assuntos que dialoguem com o cotidiano dos alunos, como temas locais ou eventos culturais. De acordo com Bakhtin (2011), os sujeitos constroem significados em interação com outros sujeitos e em situações sociais específicas, o que reforça a importância de abordar temas que ressoem com a realidade dos estudantes.

Planejamento coletivo: Envolver professores, estudantes e, se possível, familiares na elaboração do jornal, garantindo um espaço inclusivo e participativo. Essa prática se alinha à ideia de que a linguagem é um processo vivo e interativo.

Divisão de tarefas: Distribuir responsabilidades entre as turmas, como: redação, revisão e edição, promovendo um ambiente colaborativo. A alfabetização, nesse sentido, é vista como um processo discursivo que envolve a prática e a reflexão conjunta (SMOLKA, 2012).

Integração com outras disciplinas: Utilizar o jornal para abordar conteúdos interdisciplinares, como Língua Portuguesa, História, Geografia, Ciências etc. Bakhtin (2011) salienta que a palavra é sempre carregada de história e intertextualidade, o que torna o jornal um meio eficaz para conectar conhecimentos.

Periodicidade e consistência: Estabelecer, junto aos estudantes, uma rotina de publicação, mantendo a motivação dos participantes e o interesse dos leitores. A constância reflete o movimento dialógico entre as vozes que compõem o jornal.

JORNAL ESCOLAR NO CONTEXTO DA E. M. JOÃO BRAZIL

Possíveis guias para o trabalho e organização da Rotina

Ainda sobre os guias para o trabalho com o jornal escolar, compartilho as ferramentas que emergiram das narrativas de dois estudantes que participaram da produção do Jornal JB e que foram entrevistados para a dissertação/pesquisa vinculada a este Ebook:

Valorização da interação com o outro

Percepção da leitura e escrita na escola e na vida

Apresentação da língua nos contextos de uso

Espaço seguro para expressão individual e coletiva

Valorização do coletivo



JORNAL ESCOLAR NO CONTEXTO DA E. M. JOÃO BRAZIL

Possíveis guias para o trabalho e organização da Rotina

Valorização da interação com o outro: reconhecer que as relações estabelecidas no ambiente escolar moldam identidades e perspectivas. Compreender que a alteridade (a grosso modo, o entendimento de que nos constituímos como indivíduos por meio da relação com o outro) é um ponto central para a construção de um ambiente dialógico, em que professores e colegas desempenham papéis fundamentais no reconhecimento e na valorização das experiências individuais, permitindo que cada estudante se perceba como parte de um coletivo.

Percepção da leitura e escrita na escola e na vida: explorar a percepção de que a leitura e a escrita transcendem o ambiente escolar, e estão conectadas à vida prática e às necessidades dos estudantes. Além disso, fomentar a integração entre as práticas escolares ao cotidiano e as aspirações futuras dos alunos, especialmente em contextos marcados por desigualdades.

Apresentação da língua nos contextos de uso: abordar a língua como prática social, destacando a relevância de trabalhar com gêneros textuais que estão alinhados aos contextos de uso dos estudantes. A produção de textos, como notícias e outros materiais jornalísticos, evidencia como a língua é vivenciada na escola de forma significativa, promovendo o diálogo entre o repertório cultural dos alunos e os objetivos pedagógicos.

Espaço seguro para expressão individual e coletiva: oferecer espaço para que os estudantes expressem suas vozes e vivências. A produção do jornal escolar é apresentada como um instrumento de protagonismo, permitindo que os alunos articulem suas emoções, opiniões e experiências, fortalecendo sua autoconfiança e capacidade de participação ativa em processos comunicativos.

Valorização do coletivo: refletir sobre a força do trabalho coletivo na superação de desafios. A colaboração entre os estudantes, mediada pelo professor, é destacada como fundamental para a realização de projetos como o jornal escolar. A construção conjunta favorece a troca de saberes, o desenvolvimento da empatia e o fortalecimento do sentimento de pertencimento ao grupo.

A HISTÓRIA NOS DEIXA PISTAS

A comunicação no Brasil

A comunicação no Brasil e no mundo passou por transformações significativas ao longo das décadas, refletindo avanços tecnológicos e mudanças culturais. Essas transformações podem ser compreendidas à luz da Teoria da Enunciação de Bakhtin e o Círculo, que destaca a interação e o contexto como centrais para a comunicação (ARAUJO, 2024). Quanto ao contexto brasileiro, fazemos alguns destaques.



IMPRESSÃO

O jornal impresso surge com a "Gazeta do Rio de Janeiro" em **1808**.

Posteriormente ocorre a adaptação do suporte às novas mídias, incorporando uma linguagem dialógica que considera os contextos históricos e sociais dos leitores.



TELEVISÃO

Introduzida em **1950**, trouxe um novo formato de jornalismo, integrando imagens à informação. Aqui, o discurso visual torna-se elemento enunciativo essencial, criando novas formas de mediação do sentido.

Surgida em **1922**, democratizou o acesso à informação e se consolidou como principal meio de comunicação por décadas. Nesse formato, o ouvinte participa como interlocutor passivo, mas a compreensão é permeada pelas experiências socioculturais.

RÁDIO



Com a popularização da internet, principalmente a **partir da década de 1990**, a comunicação tornou-se instantânea, global e interativa. O círculo de comunicação ampliou-se significativamente, permitindo uma maior diversidade de vozes no espaço público, que podem ou não estar comprometidas com a responsabilidade e a ética.

ERA DIGITAL



O JORNAL NA ERA DIGITAL

Na contemporaneidade, o **jornalismo digital** redefine os limites da informação. Plataformas online oferecem novas possibilidades de interação e ressignificação dos textos. Segundo Bakhtin (2011), o discurso é sempre orientado para o outro, o que explica a eficiência de recursos digitais em aproximar o leitor da produção da informação:

- **Interatividade:** comentários, enquetes e compartilhamento de opiniões dão aos leitores a possibilidade de dialogar diretamente com os autores.
- **Acesso instantâneo:** atualizações em tempo real sobre acontecimentos globais permitem uma participação mais imediata na construção do discurso.
- **Recursos multimídia:** a integração de vídeos, áudios e infográficos enriquece a experiência do leitor e torna o discurso mais dinâmico.
- **Inclusão de QR Codes:** esses códigos são exemplos de gêneros discursivos emergentes que ampliam o acesso aos conteúdos adicionais.



O jornal escolar pode explorar essas inovações para promover a alfabetização digital e discursiva, permitindo que os estudantes interajam com os textos de maneira dialógica e criativa.

Ainda no que concerne à Era Digital, temos lidado com **Fake News (notícias falsas)**, que são informações falsas ou enganosas, muitas vezes disseminadas com o objetivo de manipular opiniões, causar desinformação ou gerar sensacionalismo. Podem ser apresentadas em diversos formatos, como notícias escritas, vídeos ou imagens manipuladas, e são amplamente difundidas por meio das redes sociais, aplicativos de mensagens e outros canais digitais.

Ensinar sobre **Fake News** para estudantes em fase de alfabetização exige adaptações pedagógicas que considerem a idade, o nível letramento e a realidade sociocultural. Para iniciar o trabalho com o tema **Fake News**, é importante que os estudantes compreendam a diferença entre o que é verdadeiro e o que é inventado. Essa etapa é essencial no processo de alfabetização, pois envolve habilidades como: interpretação, análise e pensamento crítico.

O JORNAL NA ERA DIGITAL

Sugestão de atividade: “Histórias verdadeiras e inventadas”

Sugerimos esta atividade para que você, educador(a), possa abordar o tema contemporâneo das *Fake News* com a sua turma, introduzindo conceitos essenciais para a análise crítica de informações. Esse plano não só enriquece o aprendizado, mas também oferece uma estrutura adaptável à realidade dos seus estudantes (idade, região, interesses etc.).



1. Preparação:

Escolha dois textos curtos e adequados ao contexto dos estudantes: uma que relacione algo verdadeiro e verificável (ex.: uma notícia sobre a rotina de um animal no zoológico) e outra que seja claramente inventada (ex.: uma notícia sobre um animal que fala e viaja ao espaço). Os textos podem ser apresentadas oralmente, por meio de leitura ou com apoio de ilustrações.

2. Apresentação:

Leia os textos de forma animada, incentivando os estudantes a prestarem atenção nos detalhes.

3. Discussão:

Após cada leitura, pergunte ao grupo:

"Vocês acha que isso poderia acontecer de verdade?"

"Por que sim ou por que não?"

Estimule o debate sobre o que torna uma história verdadeira (baseada na realidade e comprovável) e o que caracteriza uma história inventada (criada pela imaginação).

4. Conexão com Fake News:

Explique que existem histórias falsas que às vezes são apresentadas como verdadeiras, especialmente na internet, destacando que aprenderemos juntos a identificar essas histórias.

O JORNAL NA ERA DIGITAL

Sugestão de atividade: “Histórias verdadeiras e inventadas”

Extensão da atividade:

Utilize imagens de revistas ou livros para mostrar elementos que possam ajudar a identificar algo verdadeiro (ex.: fatos, fotos reais, fontes confiáveis) e algo inventado (ex.: elementos fantasiosos, exageros, fontes desconhecidas).

Proponha que os alunos criem suas próprias histórias, verdadeiras e inventadas, e que os colegas tentem adivinhar qual é qual.

Esta introdução não só ajuda a estabelecer bases para a compreensão de notícias falsas, mas também reforça habilidades de leitura e análise crítica em um formato lúdico e acessível.



A ESFERA JORNALÍSTICA E OS GÊNEROS DO DISCURSO

O jornal é um suporte que dá origem a uma infinidade de gêneros, todos relacionados à esfera jornalística, cuja finalidade está em expor, opinar, argumentar ou noticiar algo. Notoriamente, alguns são mais conhecidos que outros, destacando-se: notícia de jornal, reportagem, carta ao leitor e entrevista. Desde o surgimento do jornal, não somente no Brasil, mas no mundo, os avanços tecnológicos têm influenciado o surgimento dos gêneros discursivos relacionados, permeado por aspectos históricos e culturais que marcam a língua, considerando que a comunicação discursiva nunca poderá estar descolada de situações concretas (contextos de uso).

O emprego da língua, segundo Bakhtin (2011, p. 261-262), é efetivado por meio dos enunciados – orais e escritos, concretos e únicos – proferidos pelos sujeitos do discurso, estes pertencentes a diferentes campos de atividade humana. Os enunciados irão corresponder à construção composicional de cada campo, evidenciando a “seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua”. Ou seja, apesar de poder haver o estilo de cada um na elaboração dos enunciados, “cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso”. Pelo fato dos gêneros se desenvolverem e se complexificarem dentro de cada campo, as suas possibilidades de realização são infinitas.

De acordo com Araujo (2024), que baseia suas reflexões nos estudos do Círculo de Bakhtin, os movimentos de surgimento dos gêneros se caracterizam como processos dialógicos, por ser necessário contextualizar os ambientes onde surgiram e estudar os gêneros dos quais eles se originaram. De igual modo, a maneira com que lemos um jornal também tem se alterado com o tempo. São mais de dois séculos entre a publicação do primeiro jornal brasileiro e a atualidade.

Diante de cada inovação, o jornalismo, como um todo, precisou se reinventar. Araujo (2024, p. 273) afirma que, “com as invenções do rádio e da televisão, a imprensa não só migrou para esses canais como também mudou a forma de se fazer jornal e revistas”

A internet é a tecnologia que permite isso, imprimindo novas formas para a escrita, veiculação e leitura de jornais, pois, como aponta Pinheiro (2008, p. 12-13), ela “é capaz de reunir recursos variados que lhe permitem operar, ao mesmo tempo, com o texto escrito, som, fotos e vídeos etc.”. E, assim como houve mudança no suporte jornal, na expansão para o ambiente virtual, os gêneros discursivos também sofreram adaptações como, por exemplo: “encurtamento dos textos, uso de links eletrônicos, uso da hipermídia, diferente aproveitamento de infográficos, entre outros”.

A ESFERA JORNALÍSTICA E OS GÊNEROS DO DISCURSO

Vale ressaltar que o contexto pandêmico, ocasionado pela Covid-19 e ocorrido entre os anos de 2019 e 2021, antecipou o ingresso da internet e dos computadores no ambiente escolar como ferramentas essenciais à aprendizagem. Apesar disso, a concretização foi pífia, pois faltou investimento público em conectividade, redes públicas de dados e compra de computadores ou *tablets*, pensando no contexto do nosso município. Além disso, ficou evidente que os materiais não bastam, pois a alfabetização/letramento digital é urgente.

A chegada do ambiente virtual trouxe novas demandas e exigiu que as pessoas desenvolvessem novas capacidades para utilizar a World Wide Web. Portanto, se a alfabetização, segundo Ribeiro (2009), envolve o aprendizado do conjunto de habilidades teóricas e motoras necessárias para se aprender a ler e escrever, os indivíduos, de maneira análoga, tornam-se analfabetos digitais a partir do momento em que não dominam as habilidades teóricas e motoras que o espaço digital exige para dominar as novas mídias. Assim, um sujeito que já era excluído na sociedade por não dominar totalmente a leitura e escrita torna-se duplamente excluído ao não compreender o funcionamento dos aparatos tecnológicos. É diante dessa realidade que a discussão sobre letramento digital se faz urgente. (SILVA et al., 2021, p. 7-8)



A alfabetização digital e a apropriação dos novos gêneros discursivos, ou gêneros digitais, só serão possibilitadas mediante o investimento público em infraestrutura nos espaços escolares (a começar por computadores e acesso à internet) e com o trabalho implicado e responsável a partir das ferramentas digitais. Pensando nisso, organizamos um *template* (modelo) de jornal para colaborar com a utilização de algumas dessas ferramentas por você e seus estudantes.

CRIE O SEU JORNAL ESCOLAR

Template: mais do que reproduzir, ressignificar

Um *template* (modelo) de jornal pode te ajudar de diversas maneiras, principalmente a atuar com uma ferramenta pedagógica estruturada e prática. Baseando-se na perspectiva discursiva de alfabetização e na Teoria da Enunciação de Bakhtin e o seu Círculo, estes são alguns dos conhecimentos que podem ser trabalhados ao utilizarmos o jornal:

Desenvolvimento de Habilidades Linguísticas: a partir de exemplos práticos, o *template* pode fomentar o planejamento de atividades relacionadas à escrita criativa, à produção de notícias e à interpretação de textos. Segundo Bakhtin (2011), o aprendizado ocorre em interação com os outros e no uso concreto da linguagem, tornando essas atividades ainda mais significativas.

Organização e Planejamento de Aulas: o *template* de jornal fornece uma estrutura clara para atividades planejadas relacionadas à leitura, escrita e produção textual. Ele pode ser adaptado a diferentes temáticas, ajudando os professores a integrar conteúdos curriculares de forma coesa e dinâmica.

Guiar a estruturação do conteúdo: fornecendo exemplos práticos de organização textual que ajudem os estudantes a entender como o discurso escrito pode ser organizado.

Incentivo à Colaboração: no processo de criação de um jornal, os alunos assumem diferentes funções, como redatores, revisores e editores, aprendendo a valorizar o trabalho coletivo e as contribuições individuais. Essa dinâmica reforça habilidades sociais, como comunicação e resolução de conflitos, ao mesmo tempo em que a aproximação das práticas reais de produção textual. Além disso, os professores podem usar o modelo para envolver a comunidade escolar, incluindo outros professores, pais e gestores, na construção do projeto.

CRIE O SEU JORNAL ESCOLAR

Template: mais do que reproduzir, ressignificar

Para iniciar o processo de criação com os seus estudantes, será necessário seguir alguns passos. A começar, você deverá criar uma conta, gratuitamente, no site **Canva**. Basta clicar no link abaixo ou usar seu aparelho de celular para fazer a leitura do *QR code*.



[Criação de conta no Canva
para educadores](#)

ATENÇÃO! É IMPORTANTE QUE VOCÊ LEIA AS **DIRETRIZES DE ELEGIBILIDADE**, POIS DEVERÁ COMPROVAR QUE ESTÁ EM ATUAÇÃO COMO PROFESSOR(A) NA EDUCAÇÃO BÁSICA.

A aprovação poderá levar alguns dias, então fique tranquilo (a), pois após o período de espera você poderá utilizar inúmeras funcionalidades de maneira totalmente gratuita. Mas, caso queira já ir experimentando o site, já poderá **criar uma conta em versão mais simples**.



[Criação de conta no Canva
em versão mais simples](#)

CRIE O SEU JORNAL ESCOLAR

Template: mais do que reproduzir, ressignificar

Você está quase lá! Após fazer o seu *login*, basta clicar no link abaixo ou usar seu aparelho de celular para fazer a leitura do *QR code*, e já será encaminhado(a) para o **template de jornal escolar**.



Acesso ao *Template de*
jornal escolar

Será aberta a página abaixo no seu *notebook*, *tablet* ou celular. Você, então, irá rolar a tela para baixo e clicar no ícone roxo, no qual estará escrito **editar modelo**.

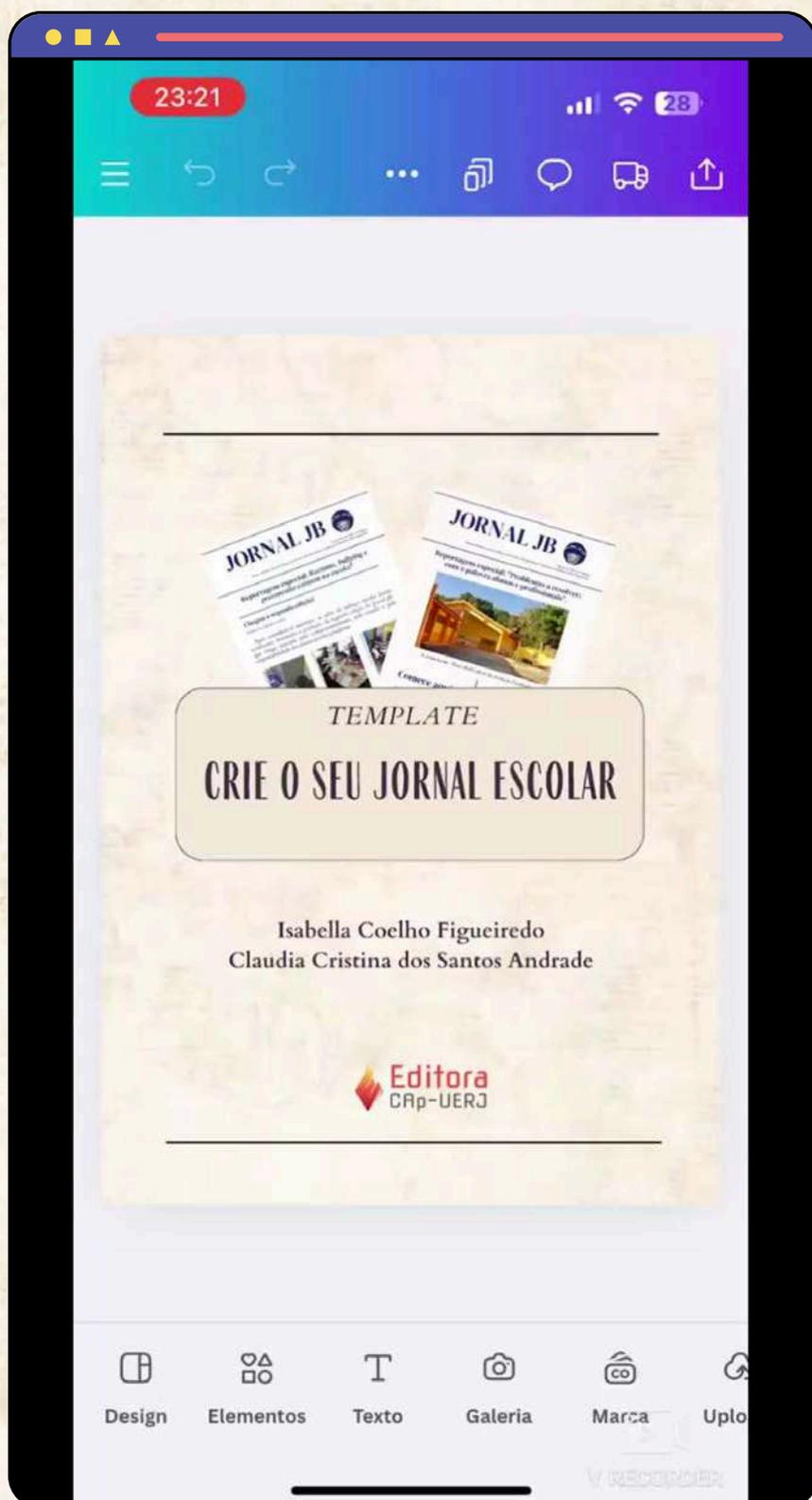


CRIE O SEU JORNAL ESCOLAR

Template: mais do que reproduzir, ressignificar

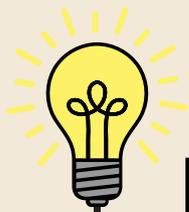
Assim, você terá acesso ao arquivo e poderá fazer quantas cópias desejar, incluindo ou excluindo páginas. **Assista ao vídeo que está ao lado.**

Com o *template* aberto, você excluirá as páginas relativas à identificação do material (páginas 1 a 5) e as demais que você não for utilizar. Para isso, **clique no ícone de lixeira** que fica à direita do topo de cada página.



CRIE O SEU JORNAL ESCOLAR

Template: mais do que reproduzir, ressignificar



DICAS VALIOSAS!

Clique nos ícones abaixo.



Canva

Para adicionar e editar textos.



Canva

Para adicionar imagens.



Canva

Para adicionar, duplicar e excluir páginas.

AGRADECIMENTOS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este Ebook é resultado de uma jornada que busca articular teoria e prática no contexto da educação básica, contribuindo significativamente para a formação continuada de professores. Criado como um artefato do Produto Educacional “*Caminhando com estudantes em processo de alfabetização: a criação de um jornal*”, ele reflete o compromisso com a promoção de práticas pedagógicas inovadoras e com o desenvolvimento de processos de alfabetização mais significativos, críticos e reflexivos.

A Oficina e o material apresentado reforçam o papel do professor como mediador e articulador de saberes, destacando o jornal escolar como ferramenta poderosa para conectar a realidade dos estudantes ao currículo. A alfabetização, abordada na perspectiva discursiva, evidencia que aprender a ler e escrever é muito mais do que decodificar palavras: é construir sentidos, estabelecer interações e reconhecer a si mesmo e ao outro.

Esperamos que este material inspire novas práticas e diálogos nas salas de aula, ultrapassando os limites do que foi aqui proposto. Convidamos você, educador(a), a ressignificar as ideias e ferramentas compartilhadas, adaptando-as ao contexto e às necessidades de seus estudantes. Juntos, podemos construir uma educação mais inclusiva, dialógica e transformadora.

Seguimos aprendendo e caminhando com você nessa trajetória.
Obrigada por fazer parte deste projeto.

Com gratidão,
Isabella Coelho Figueiredo
Claudia Cristina dos Santos Andrade

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, Giulia Chiaradia Gramuglia. Como os suportes revista, jornal e internet impactam a produção do gênero discursivo reportagem. *Linha D'Água*, São Paulo, v. 37, n. 1, p. 268–282, 2024. Disponível em:

<https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/214348> Acesso em: 23 dez. 2024.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

CANDAU, Vera Maria Ferrão et al. *Educação em Direitos Humanos e formação de professores(as)*. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014. Edição Kindle

FREINET, Célestin. *Técnicas de educação: o jornal escolar*. São Paulo: Martins Fontes, 1974.

GERALDI, João Wanderley. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

GOULART, Cecília Maria Aldigueri; GARCIA, Inez Helena Muniz; CORAIS, Maria Cristina. (Org.). *Alfabetização e discurso: dilemas e caminhos metodológicos*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2019.

PINHEIRO, Petrilson Alan. *Gêneros digitais construindo e sendo construídos por gêneros discursivos: repensando as práticas do letramento*. [S.l.: s.n.], p. 1-20, 2008. Disponível em: <http://dlcv.fflch.usp.br/sites/dlcv.fflch.usp.br/files/12.pdf> Acesso em: 02 jan. 2025.

PREZOTTO, Marissol; CHAUTZ, Grace Caroline Chaves Buldrin; SERODIO, Liana Arrais. Prefácio. In: PRADO, Guilherme do Val Toledo et al. (Org.). *Metodologia Narrativa de Pesquisa em Educação: uma perspectiva bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015.

SILVA, Mateus Freire Santana et al. QR CODE: um gênero discursivo em ascensão e a sua utilização no espaço educacional. *Anais do III Congresso Internacional e V Congresso Nacional de Movimentos Sociais e Educação*, Categoria: comunicação oral, 2021. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cicnmse/article/viewFile/10030/9839> Acesso em: 23 dez. 2024.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. *A criança na fase inicial da escrita: a alfabetização como processo discursivo*. Campinas: Mercado das Letras, 2012.

VIGOTSKY, Lev Semionovitch. *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BIOGRAFIA DAS AUTORAS



Isabella Coelho Figueiredo

Isabella Coelho Figueiredo é professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental na Rede Municipal de Niterói. Formada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), especialista em Educação Infantil pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) e mestranda no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Educação Básica- PPGEB/CAP- UERJ. Membro do Grupo de Estudos em Práticas Educativas, Juventudes e Infâncias (GEPEJI).

Pesquisa temas como: linguagem, cultura e educação; alfabetização na perspectiva discursiva; relações de ensino.

E-mails:

isbellacoelhofigueiredo1@gmail.com,
isbellacf@id.uff.br.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2019-0521>



Claudia Cristina dos Santos Andrade

Claudia Cristina dos Santos Andrade é professora associada do Instituto de aplicação Fernando Rodrigues da Silveira (CAp- UERJ), atuando no Departamento de Ensino Fundamental e no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Educação Básica- PPGEB/CAP- UERJ. Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo(2007) e mestre em Educação pela Universidade Federal Fluminense (2000). É líder do Grupo de Estudos em Práticas Educativas, Juventudes e Infâncias (GEPEJI) e membro dos grupos Linguagem, Cultura e Práticas Educativas, da Universidade Federal Fluminense e ALFAREDE - Rede de Pesquisa em Alfabetização, da Universidade Federal de São João Del-Rei. Pesquisa os temas: linguagem, cultura e educação; cinema educação; práticas discursivas de alfabetização e ensino de Língua Portuguesa.

E-mails: claudiandrade1466@gmail.com,
claudia.cristina.andrade@uerj.br

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6253-9373>

FAZERES

“A linha editorial FAZERES destina-se a divulgar produtos educacionais voltados ao estudante da educação básica em que se observe inovadorismo no desenvolvimento de práticas pedagógicas e pertinência na abordagem de objetos de aprendizagens. Enquadram-se nessa linha, por exemplo, livros didáticos, livros paradidáticos, sequências didáticas, jogos etc.”



NEPE
Núcleo de Extensão, Pesquisa e Editoração
Instituição de Educação Fernando Gomes de Sá



ISBN: 978-65-81735-93-7

CDL



9 786581 735937
